



PUBLICAÇÃO PROIBIDA ATÉ

Domingo, 7 de março de 2021 às 23:30 GMT

A nova série de artigos da revista norte-americana The Lancet revela progressos variáveis na subnutrição materna e infantil na última década - refletindo a necessidade crítica de oferecer soluções comprovadas e disponíveis.

Os autores da série lançam um apelo à ação para um financiamento acelerado a fim de melhorar a cobertura do programa e a prestação de serviços de qualidade que foram prejudicados pela crise do COVID-19.

The Lancet publicou hoje a última série sobre a Evolução da Subnutrição Materna e Infantil, incluindo três novos artigos baseados nas descobertas das séries anteriores de 2008 e 2013, que estabeleceram uma agenda global baseada em evidências e dados para combater a subnutrição durante a última década. Os artigos concluem que apesar do modesto progresso em algumas áreas, a subnutrição materna e infantil continua sendo uma grande preocupação de saúde global, particularmente porque os ganhos recentes podem ser mitigados pela pandemia do COVID-19. Os artigos reiteram que as intervenções anteriormente destacadas continuam a ser eficazes na redução do atraso de crescimento, deficiências de micronutrientes e mortes de crianças. Enfatizam a importância de realizar essas intervenções nutricionais dentro dos primeiros 1.000 dias de vida. Apesar desta evidência, a entrega dos programas ficou atrasada em relação aos progressos da ciência e precisa-se de mais financiamento para aumentar as intervenções comprovadas.

Os estudos concluíram que a prevalência de taxas de retardo do crescimento, ou baixa altura para a idade, caiu nos países de baixa renda passando de 47,1% para 36,6% de 2000 a 2015, mas menos nos países de renda média, onde as taxas caíram de 23,8% para 18,0%. No entanto, o mundo está ficando aquém do objetivo nutricional da Assembléia Mundial de Saúde de reduzir o retardo do crescimento em 50 por cento até 2025. Em comparação, houve pouco progresso na porcentagem de crianças com déficit de peso para altura tanto em países de renda média quanto em países de baixa renda. Uma nova descoberta também mostra que quase 5% (4,7) das crianças são simultaneamente afetadas tanto pelo retardo de crescimento quanto pelo déficit de peso para altura uma condição associada a um aumento de 4,8 vezes na mortalidade. A incidência de retardo de crescimento infantil e déficit de peso para altura é maior nos primeiros 6 meses de vida, mas também existe em parte ao nascer. Para a nutrição materna, embora a prevalência de subnutrição (baixo índice de massa corporal) tenha caído, a anemia e a baixa estatura permanecem muito altas.

"Embora tenha havido pequenas melhorias, especificamente em países de renda média, o progresso continua muito lento na déficit de peso para altura e retardo de crescimento infantil", disse o Dr. Victora do Centro Internacional de Equidade em Saúde, da Universidade Federal de Pelotas no Brasil. "As evidências também reforçam a necessidade de se concentrar nas intervenções nos primeiros 1.000 dias e de priorizar a nutrição materna para a própria saúde da mulher, bem como para a saúde de seus filhos".

Desde a Série de artigos de 2013, as evidências sobre a eficácia das 10 intervenções recomendadas aumentaram, juntamente com as evidências sobre a eficácia de novas intervenções. Novas evidências apoiam fortemente o uso de suplementação preventiva de nutrientes à base de pequenos lipídios (SQ-LNS) para reduzir o retardo de crescimento infantil, a déficit de peso para altura e a insuficiência ponderal. Ela também apoia o

aumento da suplementação pré-natal de múltiplos micronutrientes para prevenir a gravidez com efeitos natais adversos e melhorar a saúde materna.

Com base nesta nova evidência, a série apresenta um novo quadro para categorizar as ações de nutrição em intervenções diretas e indiretas, bem como intervenções no setor de saúde e não relacionadas à saúde. Este quadro de ação destaca que as intervenções cuja eficácia é baseada em evidências continuam a ser uma combinação de intervenções diretas (por exemplo, suplementação de micronutrientes e aconselhamento sobre amamentação) e intervenções indiretas para abordar os determinantes subjacentes da desnutrição (por exemplo: planejamento familiar e serviços de saúde reprodutiva; programas de transferência de dinheiro; água, saneamento e promoção de higiene). As intervenções nutricionais realizadas dentro e fora do setor de saúde são igualmente cruciais para prevenir e gerir a desnutrição.

"Nossas evidências apoiam a eficácia contínua de todas as intervenções recomendadas na Série 2013. Novas evidências apoiam ainda mais a ampliação da suplementação de múltiplos micronutrientes para mulheres grávidas, em particular a suplementação com ácido ferro-fólico e a inclusão do SQ-LNS para crianças, o que nos leva a 11 intervenções centrais", disse a Dra. Emily Keats do Centro de Saúde Infantil Global do Hospital para Crianças Doentes de Toronto, Canadá. "Agora precisamos nos concentrar em melhorar a cobertura das intervenções, especialmente para os mais vulneráveis, através de ações multissetoriais", acrescentou a Dra. Jai Das do Centro de Excelência em Saúde da Mulher e da Criança da Universidade Aga Khan, em Karachi, Paquistão.

Um outro estudo revela que a cobertura das intervenções de nutrição direta mostrou poucas melhorias durante a última década. O documento destaca a necessidade de um compromisso renovado baseado em novos elementos resultantes de pesquisas de implementação e financiamento acelerado para aumentar a cobertura e melhorar a qualidade da prestação de serviços. Também destaca a evolução tanto da base de evidências quanto da implementação de intervenções que abrangem nutrição, saúde, sistemas alimentares, proteção social e água, saneamento e higiene desde a Série de artigos Lancet de 2013.

Os autores concluem a Série com um chamado global para ação a fim de retomar o compromisso com a agenda inacabada de subnutrição materna e infantil.

"Governos e doadores devem se comprometer novamente a enfrentar a questão não resolvida da desnutrição materna e infantil com compromissos financeiros sustentados e consistentes", disse Dr. Zulfiqar A. Bhutta do Centro para Saúde Infantil Global, Toronto e Aga Khan University, coordenador da série e autor sênior do documento de intervenções. "Os governos devem expandir a cobertura e melhorar a qualidade das intervenções diretas - especialmente nos primeiros 1.000 dias". Eles têm que identificar e abordar os determinantes imediatos e subjacentes da subnutrição através de intervenções indiretas; construir e manter um ambiente político e regulatório para a ação em matéria de nutrição; e investir em sistemas de monitoramento e aprendizagem em nível nacional e subnacional".

"A pandemia do COVID-19 continua a prejudicar os sistemas de saúde, exacerbar a insegurança alimentar e ameaçar reverter décadas de progresso", disse a Dra. Rebecca Heidkamp do Departamento de Saúde Internacional da Escola de Saúde Pública Johns Hopkins Bloomberg. "Tanto para a resposta à pandemia quanto para a rápida aproximação da Assembléia Mundial da Saúde de 2025, os atores da nutrição em todos os níveis devem responder ao chamado à ação para reunir recursos, liderança e coordenação - juntamente com dados e evidências - para enfrentar o fardo mundial da subnutrição".

Em um comentário anexo à série de artigos, a Dra. Meera Shekar, líder global em nutrição do Banco Mundial, juntamente com seus co-autores, observou: "O progresso na entrega de soluções bem conhecidas é

inaceitavelmente lento. Para mudar esta dinâmica, acreditamos firmemente que, além de priorizar o que fazer, os países precisam de orientações muito melhores sobre como fazê-lo em grande escala. Eles devem ser informados com precisão sobre quanto financiamento é necessário e qual a melhor maneira de alocar recursos para maximizar o impacto".

Na última década, a questão da subnutrição subiu na agenda global, impulsionada em parte pelas descobertas das séries de 2008 e 2013. Esta nova série chega em um momento crítico, pois 2021 foi declarado o Ano de Ação (N4G) Nutrição para o Crescimento, que culminará com a Cúpula das Nações Unidas sobre Sistemas Alimentares em setembro de 2021 e a Cúpula N4G de Tóquio em dezembro de 2021.

###

